

CRIAÇÃO, ARTE E VIDA EM JARDINAGENS DE FINS DE MUNDO

Marcos Allan da Silva Linhares¹

Keyme Gomes Lourenço²

Tamiris Vaz³

Resumo

Este texto, escrito ao modo ensaístico, tem como objetivo narrar atravessamentos, sentimentos e cortes que foram provocados em nossos corpos e experiências de vida através da proposição de uma intervenção artística. Brincando com jardinagens e educações em fins de mundo, tecemos relações e aproximações multiespécies para que pudéssemos resistir e (re)inventar novos modos de (sobre)viver na Terra em ruínas. Pela escrita, pela movimentação, pela criação visual, fomos aprendendo caminhos para criarmos nossos próprios movimentos de jardinar a partir do que nos afeta. Na companhia de Dias (2020; 2022), Coccia (2018), Haraway (2021; 2023), Clement (2012) e outros, experimentamos nossos corpos em processo de diluição de um eu humano para um nós em jardinagem. Permitimo-nos ser jardinados por plantas, animais, objetos, palavras, movimentos, capturando os signos de educações por vir.

Palavras-chave: Jardinagem; Mesa de Trabalho; Intervenção Artística; Espécies Companheiras.

CREATION, ART AND WORD ENDING GARDENINGS

Abstract

This text, written in an essay style, aims to tell the crossings, feelings and cuts that were provoked in our bodies and life experiences through the proposition of an artistic intervention playing with gardenings, with education at the end of the world, with the relationships and multispecies approaches woven so that we could resist and (re)invent new ways of (surviving) living on the ruined Earth. Through writing, through movement, through visual creation, we learned ways to create our own gardening movements based on what affects us. In the company of Dias (2020; 2022), Coccia (2018), Haraway (2021; 2023), Clement (2012) and others, we experience our bodies in the process of dilution from: i the human to a we in the gardenings. We allow ourselves to be gardened by plants, animals, objects, words, movements, capturing the signs of educations to come

Keywords: Gardening; Work Tables; Artistic Intervention; Companion Species.

¹ Mestre em Educação em Ciências e Matemáticas (PPGECM/UFGA). Doutorando em Educação (PPGED/UFU). Bolsista CAPES. Membro do UIVO: matilha de estudos em criação, arte e vida. E-mail: marcosallan.18@gmail.com;

² Mestre e Doutorando em Educação (PPGED/UFU). Bolsista CAPES. Membro do UIVO: matilha de estudos em criação, arte e vida. E-mail: keymelourenco@gmail.com;

³ Doutora em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (GO). Pesquisadora, artista visual e professora no curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia (MG). Líder do UIVO: matilha de estudos em criação, arte e vida. E-mail: tamirisvaz@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Imagine-se jardinando em fins de mundo... Como você seria? O que você vestiria? Quais espécies lhe fariam companhia? Quais educações seriam tecidas e gestadas em um mundo que está chegando ao fim? Essas foram algumas de nossas provocações e indagações ao longo do processo de pensar uma intervenção artística para ser performada ao longo do I Encontro de Esquizoanálise da UFMG, nos últimos dias de outubro de 2023.

Nosso desejo era pensar jardinagens em composições e em performances com um mundo em ruínas, em alianças com espécies companheiras⁴ para inventar outras formas de criar mundos e inventar educações menores para uma terra em abandono. Não tínhamos nenhum roteiro definido. Nada estava planejado. Havíamos nos armado apenas com as leituras e com os frutos dos forrageamentos⁵ que fizemos ao longo dos encontros no nosso grupo de pesquisa⁶.

Com isso, levamos para a experimentação muitos objetos, ferramentas, perguntas, imagens, provocações de diferentes ordens como convites a conexões inesperadas, disparando afetos que fizessem nascer jardins por conexões improváveis entre nós, o ambiente e as vidas (humanas e mais que humanas) que percorrem aquele jardim em construção.

Com tudo isso em mãos, escolhemos a mesa de trabalho (DIAS, 2022) para expor o nosso jardim inacabado e convidamos a quem passasse para compor conosco a criação conjunta. Tudo foi ferramenta e obra ao mesmo tempo, dependendo dos usos dados aos elementos dispostos para experimentação, compondo uma jardinagem sempre inacabada, sendo possível incluir mais uma planta, mais uma palavra, mais um objeto encontrado em percurso, trocar elementos de lugar, criar novas combinações, trocar as flores murchas, incluir galhos secos e regar com movimentos, palavras, desejos. A rega de água veio do céu, todos os dias, após o fim de cada jardinagem, para fazer germinar pensamentos semeados.

⁴ Em conversa com Donna Haraway (2021, p.16), que propõe pensarmos que "enquanto habitantes da tecnocultura, é nos tecidos simbiogenéticos da natureza-cultura que nos tornamos quem somos, nas narrativas e nos fatos".

⁵ Forrageamento, nas ciências agrárias e biológicas, tem relação com colher, recolher, sair para procurar recursos, alimentos ou qualquer elemento que sirva para a sobrevivência e para a vida da espécie.

⁶ Nosso grupo de pesquisa se chama "UIVO: matilha de estudos em criação, arte e vida".

As mesas de trabalho são propostas de intervenções artísticas pensadas pela pesquisadora Susana Dias em conjunto com o grupo multiTÃO (UNICAMP) e que têm como objetivo lidar com questões que envolvem o Antropoceno e o modo como fomos colocados nele, além de provocar interrogações sobre as lógicas massificadas e colonialistas às quais convivemos neste mundo (DIAS, 2022).

Pensando nisso, a ideia foi construir, em coletivo, mesas de trabalho que pudessem servir como território para criação coletiva. Essas mesas poderiam tanto ser mesas tradicionais (de quatro apoios) quanto tapetes, o chão, a grama, o computador, uma folha de papel, e até mesmo nossos próprios corpos. Sobre elas, mobilizamos textos, espécies, notícias, palavras, ferramentas, saberes ancestrais, papéis, escritas e fotografias, que foram se transformando em experimentações, potências de metamorfose em movimento entre pessoas humanas e seres mais que humanos, permitindo o fluxo de conhecimentos, saberes e experiências que têm a ver com a nossa relação no mundo e com o mundo.

As mesas quase nunca são pensadas sozinhas. Elas são parte de um coletivo que pode envolver cientistas, artistas, filósofos, mas também todas as pessoas que passam por elas e que estejam dispostas a pensar em matilha, em conjunto sobre os modos de viver com o mundo. Um estar junto, um viver junto, que permite a reunião de maneiras diferentes de sentir e pensar, que deixa coexistir, promovendo relações aberrantes e, quem sabe, parentescos impensados (DIAS, 2020).

A prática da mesa de trabalho surge então como uma composição, com um desejo de inventar mundos, falas, sonhos, colagens, performances, relações, desejos, aproximações, interposições em atenção aos mais diversos materiais que nos rodeiam, transmutando as lógicas habituais de ver, sentir, pensar e que, talvez, possam contribuir com a produção de novas sensibilidades para as relações entre os humanos e a Terra (DIAS, 2020).

Além disso, as mesas nos possibilitam o deslocamento de nosso lugar de humanos-professores para pensarmos a educação através de outros olhos e lentes, nos apartando de uma visão de educação humanista e homocentrada para uma

Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº3, 2024.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452
perspectiva multiespécie, colaborativa, plural, em teia com seres humanos, com as plantas, os animais, os fungos, os seres menores, tudo em (de)composição.

Assim, a educação também se desloca, se movimenta, se agita. Com as mesas de trabalho podemos (re)pensar o modo como atuamos em nossas práticas: nas aulas de Arte Visuais e nas de Biologia, procurando fazer ver outros sentidos para aquilo que ensinamos e aprendemos, para o modo como fazemos mundos ao lecionarmos ou, quem sabe, fazer emergir novas formas de nos relacionarmos com o espaço e com os seres que nele habitam.

Em uma docência por mesas de trabalho não há uma hierarquia entre quem ensina e quem aprende, há um “estar juntos” em heterogeneidade. A aprendizagem acontece na vida e com o mundo.

Figura 1 – Mesa de trabalho a céu aberto.



Fonte: Arquivo do grupo de pesquisa, 2023.

Pensando nisso, este texto, escrito ao modo ensaístico, tem como objetivo contar atravessamentos, sentimentos e cortes que foram provocados em nossos corpos e experiências de vida através de nossas participações em uma intervenção artística (e no processo de pensá-la), brincando com as jardinagens, com as

Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº3, 2024. – PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

educações em um fim de mundo, com as relações e as aproximações multiespécies tecidas, para que pudéssemos resistir e (re)inventar novos modos de (sobre)viver na Terra em ruínas.

PREPARANDO O CORPO COM A ESCRITA

Em meio a esses processos de jardinar com fins de mundo, germinam aprendizagens, semeadas como ervas-daninhas, sem paragens programadas.

Um dos momentos mais importantes de preparação para essa intervenção foi quando um membro da matilha propôs a realização de uma oficina com o grupo. Nessa oficina não tratamos de criar um passo a passo para a ação ou de alinhar uma fala embasada sobre o que o trabalho pretendia oferecer ao público. Em vez disso, vivenciamos coletivamente uma imersão a processos criativos possíveis pelo uso de plantas. Impressões em tecidos e roupas pela técnica da cianotipia e da impressão botânica nos fizeram entrar em contato com a caligrafia das plantas. Um exercício que envolveu imprevisibilidades. Não sabíamos precisamente que cores obteríamos nem a intensidade das impressões que o sol, em um dia parcialmente nublado, nos ofereceria.

Em meio a essa conversa com as plantas pintoras-escritoras, escolhemos algum elemento com o qual desejávamos nos conectar, produzindo algo no corpo, com o corpo e para fora dele, de modo a iniciar uma escrita com essa espécie companheira, alimentada pelas perguntas:

Toda alcateia) quem e o que eu (jardineirv) toco quando toco aqueles com quem compartilho a vida? Escolha uma, ou várias espécies companheiras de jardinagem e fabule como são os mundos formados COM elas. E como é a vida formada com ela. Qual o ano em que você vive e jardina? Como é a habitabilidade? **Um grupo)** quando e com quem e como você aprendeu a jardinar e por que está vindo jardinando? Se você nasceu jardineirv, como foi a sua gestação? Que partes foram geradas? Do que eram feitos seus fluidos embrionários e quem lhe gestou? **Outro grupo)** em tempos de sobrevivência em ruínas é preciso fazer simbioses. Plantas e insetos e fungos e esporos sobreviverão a catástrofes. Pela perspectiva de uma espécie companheira a sua escolha, conte como essa espécie vê esse jardineirv? Quais espécies compõem esse corpv? Quais suas silhuetas? Há tronco, desarticulações? Há cabeça de quê? Como se move e para onde vai? Quais suas cores? (PLANO DE OFICINA, 2023).

Pela escrita, pela movimentação, pela criação visual, começamos a criar em nós corpos de jardins de fins de mundo. Ao sermos jardinados por essa

imersão, fomos aprendendo caminhos para criarmos nossos próprios movimentos de jardinar a partir do que nos afeta. Não dispensamos leituras: lemos textos de Deleuze, Coccia, Haraway, Tsing, Clement, mas, acima de tudo (ou pelo meio de tudo), lemos nossos corpos em processos de diluição de um eu humano para um nós jardineirvs. Permitimo-nos ser jardinados por plantas, animais, objetos, palavras, movimentos, capturando os signos dessa jardinagem por vir.

Adentramos aprendizagens imersivas que se fizeram imprescindíveis para nos conectarmos com o lugar onde habitamos provisoriamente a UFMG para construir jardins. Levamos conosco as perguntas: *Que espécie jardineira me faço e com quem compartilho as vidas que cultivo? Como preparo o terreno para uma jardinagem esquizo? Que caminhos eu percorro e com quais ferramentas coleto e cultivo espécies de fins de mundos? Quais espécies compõem e como resistem aos fins de mundo?*

Com essas e outras perguntas, iniciamos movimentos não coordenados, em tempos e ritmos diversos e abertos, passíveis de sempre absorver ferramentas e processos que pedissem passagem por integrantes do grupo ou por quem quisesse compor junto.

E foram várias as composições: as cigarras com suas vozes, as formigas com seus caminhos, frases escritas, movimentos de dança com galhos, desenhos, conversas, muitos olhares, toques e fotografias.

Aprender com o corpo todo é aprender com múltiplos corpos para assim, descolar-se da crença da unidade de nossas existências. É deixar-se guiar por roteiros nascidos entre nosso querer prévio e as vontades nascidas nas trocas afetivas. Fazer escolhas em processo, pois se aprendizagem é criação, não antecipamos o que, como e quando ela acontecerá, mas carregamos conosco ferramentas que nos possibilitam modelá-la quando acontecer o encontro com uma mudança atravessada entre nós e os saberes do mundo. Essas ferramentas são nossas companhias, que também compõem o que somos a cada momento.

Nessa jardinagem, fomos acompanhados pela literatura, que tem nos mostrado outras conexões com a palavra; pela filosofia da diferença, que tem nos ensinado a pensar por multiplicidades; pela arte, com a qual nos permitimos olhar

mais devagar para as banalidades cotidianas; pela docência, que a todo momento nos mostra o quanto é possível aprender pela partilha; e especialmente por nossa matilha de pesquisa, que provoca deslocamentos de nossos campos formativos e nos chama a pensar vida-arte-criação por afetos.

Nesta escrita partilhamos, em primeira pessoa do singular, processos vivenciados por diferentes integrantes da matilha, expondo nossos pensamentos em diferentes ângulos de experimentação por uma jardinagem vivida em múltiplas facetas.

LER COM O CORPO TODO

Eu havia levado uma edição ilustrada do livro “Jardim Secreto”, de Frances Hodgson Burnett (2021), que comecei a ler alguns dias antes da ação, no intuito de ir me ambientando por diferentes caminhos com o ato de jardinar.

Em meio aos possíveis de nossa mesa de trabalho, escolhi jardinar palavras, deitada no meio de uma mandala formada por revistas, flores e folhas de plantas, cultivadas pelo coletivo.

Enquanto lia, ia ouvindo movimentos de corpos que interagiam de diferentes formas ao meu redor. Tudo parecia uma dança ritualística coletiva que ia encontrando suas sincronias entre a sinfonia das cigarras e de uma música instrumental que tocava repetidamente, convidando nossos corpos a adentrarem seus ritmos, inserindo variações no entre de suas repetições.

Os sons das cigarras variavam de intensidade tal qual nossos corpos que ora imergiam, entregues a nossas espécies companheiras, ora dispersavam, indo ao encontro de conversas com outras falas, palavras, deslocamentos e manipulações das ferramentas que dispúnhamos sobre as mesas de trabalho.

Enquanto isso, uma jardineira-fungo enredava seu corpo monocromático a uma árvore, no ato repetitivo e cíclico de tecer um macramê. Um jardineiro-abelha fundia-se a um galho, entre linhas e folhas secas, tramando sua colmeia em folhas de livros e de palavras.

Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº3, 2024.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

Um jardineiro-escritor fundia-se ao papel, que não mais servia apenas de suporte para suas palavras, mas que já pendia de sua cabeça como um chapéu que desfazia sua rostidade.

Nasce também ao meu lado um jardineiro-escultor, que se torna sua própria escultura, sustentando galhos secos até o ponto de desequilíbrio, quando estes desabam e se tornam ferramentas para novas conexões.

Ao ouvir a batida dos galhos despencando no chão, algo me chamou a adentrar sonoramente a sinfonia. As folhas das árvores sobre mim balançavam com o vento, senti o cheiro da terra que aguardava ansiosa pela chegada da chuva, enquanto as cigarras começavam a cantar ainda mais intensamente. Foi quando inseri minha voz ao coro, lendo em voz alta sobre a menina que perseguia um amigo sabiá a procura de uma porta entre heras para adentrar um jardim secreto que guardava rosas não mais jardinadas, que cresciam e se espalhavam entre gramados e árvores.

Não via mais nada e nem ninguém, apenas me senti adentrando, junto com a menina, os mistérios daquele mágico jardim e pensei que, como ele, alguma chave também encontrava abertura para algo guardado por minha pele, abrindo seus poros para deixar-se jardinar pelo acontecimento.

Figura 2 – Primeiro dia de jardinagem.



Fonte: Arquivo do grupo de pesquisa, 2023.

A ausência de controle no acontecer dessas jardinagens, sem um roteiro específico de ações, sem demarcações do que e como jardinar, tampouco de quem se tornaria jardineiro, abriu caminho para acasos que tornaram esse jardim esquivo fluido e múltiplo de possibilidades em seus pensamentos, criações artísticas e processos de escrita. Clement (2012), a respeito da jardinagem, fala da necessidade de um certo abandono para que haja um estado de alta probabilidade para a existência de um jardim. Degradação e desordem são, segundo ele, palavras que se aplicam a objetos acabados, não a jardins. É pelo efeito do vendaval que árvores são naturalmente substituídas, permitindo a continuidade da vida.

Como na natureza selvagem, a ação de uma jardineira fabrica um leito que servirá de base para que outras espécies co-habitem o jardim. As construções humanas entram em processo de degradação tão logo são finalizadas, enquanto em um jardim, nunca se conclui nada, havendo sempre a possibilidade de invenção de novos processos de vida sobre cada base (CLEMENT, 2012).

Havia um roteiro: escolher sua jardinagem e sua espécie companheira, sair em forrageio, coletar, retornar, jardinar e, no dia seguinte, convidar os participantes a levar as jardinagens para compor outros jardins. Mas tal qual as cigarras, que variavam coletivamente a cadência de seus coros, nossas ações foram se conectando ao que os encontros nos convocavam a fazer.

Fazíamos filosofia e arte e educação com o corpo todo e, mais do que isso, nos movíamos por um desfazer do corpo organismo, abrindo os poros e nos misturando às cigarras, às palavras, aos movimentos, às coisas e seres.

Mais do que nos tornar jardineiras, fazíamos-nos jardinagem, aprendendo com o jardim, possibilidades de um saber aberto a continuidades, em seus processos de morte e vida.

ESCRITA DURANTE O JARDINAR

No fim do mundo, quero aprender a jardinar e a educar com as plantas. Quem melhor do que elas para nos oferecer lições sobre jardinagens e composições multiespécies em tempos a se findar? As plantas vivem uma forma única, paradigmática e própria de estar no mundo, “não precisam da mediação de outros

Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº3, 2024.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452
seres vivos para sobreviver [...] tudo o que exigem é o mundo, a realidade em seus componentes mais elementares: pedras, água, ar, luz” (COCCIA, 2018, p. 15).

Elas correm e encontram a vida lá onde a gente pensa estar perdida ou ausente. Elas jardinam e inventam mundos lá onde a gente extinguiu todas as espécies que nos fizeram companhia ao longo de nossas experiências. Foram elas que escreveram, habitaram e cresceram junto comigo ao longo da intervenção e do processo de fazê-la, em uma composteira de vida que mistura tempos, aprendizados, relações e simbioses múltiplas.

Elas apareceram por mim através da escrita ao longo do jardinar. Sentado, embaixo de duas grandes árvores, misturado em meio às suas raízes e caules, me coloquei à disposição das plantas para sentir seu cheiro, suas texturas, ver suas cores, sentir o que delas emana para que pudesse também sentir em meu corpo e deixar extravasar escritas ao longo do jardinar. Quem sabe tentar ser sua espécie companheira naquele momento, me distanciar dos parasitismos para tecer mutualismos, simbioses.

Jardinamos escritas, cultivando modos de escrever junto aos sons, aos movimentos da jardinagem que se desenham, ao passo em que vamos entrando em sintonia com os aliados companheiros que compõem o jardim conosco. Sinto que são movimentos heterogêneos, variantes, que iniciaram-se calmos e leves, com o frescor dos ventos e com o balançar das folhas, mas que também se fizeram intensos, fortes, em conjunto com a orquestra cantada pelas cigarras, pelas leituras que eram recitadas pelos colegas, pela música que era entoada pelas pessoas, pelos animais, pelo ambiente que nos cercava.

A escrita que estava sendo esculpida no papel não tinha ordem, linhas, margens... crescia em meio às folhas, aos galhos, às sementes, como forma de germinar e florescer em meio aos prédios altos e rígidos da UFMG. Quem sabe com o desejo de romper com as hierarquias (narrativas e de poder), fazer as palavras voarem, andarem, como erva daninha que se espalha, fazendo rizoma, criando outras relações, outras educações, outras linhas que tecem jardins e jardinagens a devir.

Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº3, 2024.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

Em certo momento não era somente eu acompanhado dos colegas ao meu redor. Tornamo-nos um casulo de experimentação, uma jardinagem que não contava com indivíduos isolados e independentes, mas com uma rede de seres vivos que estavam partilhando uma maneira única e sensível de sentir a terra, os organismos menores, a vida que escapa quando nossa inteligência nos impede de ver as fendas, que são potências para nossas experimentações.

Sentia como se todo o processo de preparação e de início da experimentação fosse como uma cobra se aprontando para dar o bote. E ele foi dado! O tempo parou. Incessantemente comecei a escrever em inúmeras folhas de papel os atravessamentos que em meu corpo eram flechados. Fechava os olhos, sentindo o vento e ouvindo os sons que chegavam ao encontro da minha pele. Estávamos em conexão, alguns lendo, outros escrevendo, outros tecendo, outros caminhando, outros compondo... sem roteiros ou planejamentos.

Figura 3 – Escritas em/com jardinagens.



Fonte: Arquivo do grupo de pesquisa, 2023.

Era tudo experimentação, uma escrita-experimentação, da ordem do inédito, acontecendo de maneira inesperada, despretensiosa, pouca interessada em seguir

Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº3, 2024.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

métodos e prescrições, mas ousando alastrar-se em linhas, em atravessamentos, nas miudezas que compõem os jardins, as jardinagens e que fazem toda a diferença para a proliferação da vida (LINHARES; LOURENÇO, 2022).

Com as folhas (das árvores e as de papel) construía uma escrita desejante que queria ser árvore para crescer e fugir; que queria ser raiz para ir nas profundezas do chão atrás de água e nutrientes; que desejava ser mato imprestável para se alastrar e tatuar nas paredes dos prédios suas marcas de vida e existência. Vegetalizar o corpo. Não para antropomorfizar as plantas, mas para tornarem o meu corpo vegetal e assim, quem sabe, aprender outras lições sobre a escrita, a terra, o mundo, a vida, cloro-vida, corpo-vida.

Escrever durante o jardinar é abrir a escrita para a sementeira. É deixar-se compor com os mais diversos e múltiplos elementos. É fazer alianças com as espécies companheiras, com os seres menores, com o ar, as nuvens e a terra. Escrever durante o jardinar é permitir que as palavras possam voar, flutuar, escorrer, ocupar, tornar o corpo lugar de passagem para os mais estranhos e inusitados parentescos. É fazer da terra um lugar de experimentação e de casa. Fluxos de tempos e atravessamentos.

FITOIMAGEM, FITOCINEMA, FITOLAMBES

Experimentos de jardinagens colantes-pigmentantes-audiovisuais-vegetais! Eu tenho apostado em meus últimos estudos, mesmo que com um pouco de dificuldade, na aproximação entre a criação em audiovisual, em lambe-lambe e com as plantas, tirando os vegetais do local de objeto e compondo com eles nas criações, como inspira Coccia (2018). É estranho pensar em outro local para as plantas, ou até mesmo outro seio da Botânica, ou da arte, ou da pesquisa, que não as objetificam. Afinal, do que servem esses seres se não nos servirem mais? E é aí que entram as narrativas fabulativas e seu processo de criação que devem lambe-lambe e em audiovisual: uma força virtual que cria mundos pelo corpo do artista.

Ansiamos que um desses mundos criados conceba com estas espécies companheiras maneiras de resistir e existir juntos ao fim do mesmo mundo. - Uma

Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº3, 2024. – PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

vez despretensiosamente, comemos o fruto proibido. Não era carnoso, era seco. Não era só fruto, também era semente. Não era só fome, já o era jardinagem.

O fruto é a mistura da razão. A razão da planta é a flor que enfeitiçou abelhas, mosquitos, morcegos, joaninhas, humanos, o vento, a garoa... para abrolhar a mistura: o fruto. Todos esses jardineiros a jardinar. Suas flores são “a expressão perfeita da coincidência absoluta entre vida e técnica, matéria e imaginação, espírito e extensão” (COCCIA, 2018, p. 101).

Pensando em ser fruto e pensando na criação fabulativa como flor, apoiei-me em experimentações de ter sido jardinado no fim do mundo. Fruto, uma composição do que foi possível para aquele momento, era 3009 d.C (Depois do Caos). Humano, mas agora não só. Era humano, besouro, e planta. Era carne, exúvia, e parede celular.

A partir de movimentos de criação, ora em silêncio, ora andando no mesmo lugar, no jardim com as plantas, as pedras, os insetos, o sol. Forrageando enquanto escrevia e anotava palavras que eram reveladas pelo estar com os outros seres humanos ou não-humanos, em estado de criação. Esses movimentos foram possíveis a partir dos disparadores da Oficina de Jardinagem que realizamos em grupo de criação e pesquisa. Esses disparadores tinham como vontade incentivar a escrita inventiva, tanto num tom de fabulação ligado à ficção, quanto num tom especulativo, nesse último caso, pensando com Donna Haraway (2023). Para a antropóloga, a Fabulação Especulativa, assim como as demais SFs (Traduzido: Ficção Especulativa, Feminismos Situados, Figuras de Corda e Filosofias Especulativas) são práticas vitais tanto na escrita acadêmica, quanto na vida corriqueira. - Quem não fabula?

A Fabulação Especulativa que experimentamos aqui (HARAWAY, 2023) é inspirada nas práticas cotidianas de contar histórias, são os contos que perturbam os modos de produção de conhecimento coloniais e instituídos. As Fabulações Especulativas maximizam as fricções das narrativas com as experiências, a fim de imaginar futuros possíveis para processos de transformação. Dos encontros entre espécies e coisas e jardineiros a jardinar. A fabulação especula o lúdico e também nos faz pensar no possível do real.

Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº3, 2024.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

Ao final da oficina, a compostagem começou a gerar húmus, e fui podendo colher as aproximações com o jardineiro que estava criando e pensando e escrevendo. Surgiu um esqueleto de um jardineiro de fim de mundo. Cabeça de besouro, asas fotossintetizantes feitas de folhas gigantes, nômade, andarilho, coletor e resistente a fortes fontes de UV.

Figura 4 – Cabeça-planta-besouro.



Fonte: Arquivo do grupo de pesquisa, 2023.

Em conhecimento do jardineiro e da jardinagem que estava criando, fui materializando sua forma, cabeça, asa, hábitos, posturas. A experimentação passou entre esculpir em papel, produzir e utilizar tintas naturais botânicas, secagem de plantas, escrita especulativa e performance.

Um jardineiro que ao mesmo tempo que semeia, quer arrancar as plantas porque não vê mais sentido em algumas delas. E ao mesmo tempo em que arranca, já planeja ocupar a terra com um novo semear para, assim, amar novamente outras

Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº3, 2024.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452
plantas, e desejar arrancar aquelas outras antes semeadas, em que não vê mais sentido.

Tem um jardineiro que não planta mais, já plantou, parou porque envelheceu, e ao mesmo tempo que não planta, fica irritado, com o jardineiro que arranca, por ele arrancar. E não apenas deixar as plantas viverem e plantar outras. Conhece todas as plantas, consegue ainda aguar boa parte delas, sabe de suas cores e características e em que fase de desenvolvimento estão. Mas devido à falta de força, o máximo que consegue fazer é aguar e contemplar, como se as plantas fossem suas.

Vive em cabo de guerra com o outro jardineiro, quando ele se encontra em seus momentos de arranque das plantas do jardim. Discorda quase sempre, também, da maneira como ele realiza a poda. A acha drástica demais. Chegou até a esconder alguns vasos, e mudou outros de lugar na tentativa de escapar com essas plantas da visão baixa do jardineiro sedento.

Porém, em certas horas, até concorda com as podas do jardineiro. Como quando o corte se tratava do pé de acerola, que a copa grande já tomava parte do telhado do vizinho. Concorde também quando é a poda do coqueiro, que só fica mais vistoso e verde a cada folha arrancada, que dá abertura para folhas novas da base poderem respirar mais luz.

Figura 5 – Jardineiros a jardinar.



Fonte: Arquivo do grupo de pesquisa, 2023.

As plantas, e tudo que elas atraem para esse jardim, só poderiam então existir a partir do contrato que se instala entre os jardineiros que jardinam, que vão formando camadas de jardinagem entre podas, arranques, semeio, aguadas, brigas, frutos caídos, polinização, reviro de terra e acompanhamentos. Plantas que fazem mundo, mas que também advém, compõem, da fabricação de mundos de ambos os jardineiros.

A criação pela experimentação e a literatura foi ajudando a removimentar o local das plantas nessa relação de jardinagem. Elas também são jardineiras, e vivem por serem plantas e jardinar. Não há humano que tenha humanidade a mais sobre qualquer outra forma de vida do planeta. As outras formas de vida que fazem do mundo um jardim, jardinam independente de nós. Eu estava com as plantas e fui aprendendo sobre o viver com elas os fins dos mundos. Elas, junto aos seres fotossintetizantes, produzem o oxigênio que nós precisávamos para viver. As aguadas que recebiam eram das chuvas que atraíam. Nada valia como jardineiro, no sentido de controlá-las e tê-las pelo jardim. As ervas eram ervas, daninhas e nada mais. E as plantas?

As plantas viam o jardineiro como as plantas vêem. Não se sentiam agradecidas. Tratavam o seu regador à semelhança da chuva que caía sobre elas nas noites de Outono. Florescerem não era o seu meio de meterem conversa com o jardineiro, mas uma forma de acentuarem a sua indiferença à declaração de amor que ele cultivava a cada hora. Por maiores que fossem os cuidados do jardineiro, às plantas tanto lhes fazia viver ou morrer. Se lhes faltasse rega, murchariam. Não seria por mal, não o levavam a mal. Nada esperavam dele. As plantas não estavam cientes da homologia. Desconheciam a sua forma e a ciência que as governava. Bebiam, existiam. Tinha até meio de se governarem sozinhas e de se manterem num compromisso com a terra, a chuva e o vento, mesmo que perdendo a integridade que [o jardineiro] lhes dera (ALMEIDA, 2019, p. 35-36).

Há um aprendizado proporcionado pela convivência com as plantas. Essa percepção nos convida a repensar o papel da educação na promoção de uma consciência ambiental mais implicada, que valorize a interdependência entre todos os seres vivos e reconheça a importância de coexistirmos harmoniosamente com o meio ambiente. Ao aprender com as plantas, podemos cultivar uma relação com esses seres para aprendermos com eles educações emergentes a partir dos encontros multiespécies.

Durante a performance de Jardinagens de fim de mundo, todos os jardineiros estavam a jardinar, quando percebi, em coletivo, cada lobo-jardineiro com o seu uivo, num mesmo coro, estava produzindo dobras esquisitas na paisagem. E para isso, o lambe-lambe como janela que perfura a parede e acrescenta camadas à paisagem, é uma fonte de inspiração.

Nós somos a floresta. Corpo-floresta. Ser floresta nas frestas que expõem no chão da cidade, viver em uma terra pobre de nutrientes que morre a cada dia e que dá vida a um tanto de mato em outros. A experimentação com a jardinagem e não pela jardinagem, cria outras experiências na paisagem. E nos faz pensar naquilo não dito explicitamente na composição. O que retorna novamente à importante atenção ao jardinar e naquilo que surge junto.

Na pilastra que segura a parede, e que é muro também, sem o contraste com o branco do fundo, um rabisco perfura. Muros brancos, corpos calados. E o corpo fala. Fala de um jardineiro que esteve ali e deixou sua marca. O lambe-lambe plantado na intenção de fossilizar para poder saber no futuro que havia habitabilidades ali. Mesmo que diferentes dos que conhecíamos, como os comuns no passado.

A vida ocupando com cor, forma e virtualidade o jardim que ali se fazia no muro. O muro era jardinado pelo lambe-lambe, dando forma tanto ao jardim quanto ao jardineiro. A jardinagem no movimento do lambe-lambe, na experimentação, foi a ação de dar vida ao próprio jardineiro. Colar lambe-lambe é jardinar. Precisar de ajuda para garantir a janela no muro, é fazer simbiose entre jardineiros, a janela acessa mãos criativas para se fundar devindo, ser o que há do outro lado do muro, dentro da pilastra, onde aquele jardineiro do lambe-lambe mora, coabita e resiste no ambiente que lhe sobrou para viver.

Figura 6 – Colagem do lambe-lambe.



Fonte: Arquivo do grupo de pesquisa, 2023.

ESPALHANDO JARDINS POR VIR

No último dia de jardinagem sentimos que era urgente materializar algumas das jardinagens experimentadas no corpo, fazer delas memórias narráveis que pudessem se espalhar por outros terrenos.

Figura 7 – Mesa de trabalho ao final do segundo dia de intervenção.



Fonte: Arquivo do grupo de pesquisa, 2023.

Um coração cavado como vazio de uma folha de árvore lembra da importância de abrir passagens de ar para o amor soprar seus ventos descontrolados. Abrir-se à vulnerabilidade, à incompletude, porque amar não tem a ver com completude, e sim com abertura aos afetos de um encontro entre corpos heterogêneos. Jardinamos vazios também quando plantamos nossos pés na terra e nossos percursos em vasos improvisados com sapatos, potes de remédio, garrafas, chapéu, roupa, envelopes.

Quanto tempo leva para germinar a resistência em uma espada de São Jorge? Que ideias se acomodam em um ninho de musgos? E quando o jardim é a voz, o que aduba a palavra? Que espécie de pássaro nasce em flor? Que espécie de humano germina de um devir-fungo tramado com as próprias mãos e alguns metros de linha?

Jardinagens-provocações, criadas por ações desejosas de poesias cotidianas. Não há o intuito de conscientizar sobre nossa implicação, como humanos, com acontecimentos que ameaçam e reduzem vidas na Terra; tampouco de sugerir soluções caseiras para sobreviver à devastação. O que se propõe com esse jardinar passa por um processo de semear saúde por simbioses com pensamentos múltiplos, corpos múltiplos, existências múltiplas. Exercitar uma

Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº3, 2024. – PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

relação outra com o tempo que nos consome em velocidades inalcançáveis, experimentando reduzir o ritmo para aumentar a força de existir.

Ao movimentarmos a educação também como uma jardinagem, podemos pensar nos potenciais intrínsecos ao cuidado e ao jardinar, que podem ser cultivados e nutridos através de práticas educativas experimentativas e fabulativas. Assim como um jardineiro observa e aprende com as plantas, o educador passa a ser jardinado pelos estudantes sempre em encontros. Assim como as plantas transformam o ambiente ao seu redor, a educação jardineira tem o poder de semear mudanças intensivas por onde é praticada. Reverberando jardinagens de fim de mundos.

Jardinar em fins de mundo não é adornar para maquiar e adiar o fim. É compor com o que morre e com o que nasce, com o que mata e com o que gesta.

A mesma raiz que permite a vida também rasga a terra para se espalhar. Quando a pele rasga, não para se enraizar, mas para se fazer terreno de multiplicidades, a dor inevitável, partilhada com o coletivo que nos compõe, torna-se vivível e produz aprendizagens.

Ser coletivo e estar em coletivo. Produzir arte-vida que nem sempre embeleza e agrada, mas que provoca movimentações, pulsações, germinações pelo contágio e não por filiação. Abrindo caminhos entre a psicologia, a biologia, a arte, a filosofia, a educação... sem fazer de qualquer uma delas território de pleno encaixe.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. **A visão das plantas**. Lisboa: Relógio D'Água, 2019.

BURNETT, Frances Hodson. **O Jardim Secreto**. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2021.

CLEMENT, Gilles. **El Jardin en movimiento**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2012.

COCCIA, Emanuelle. **A vida das plantas**: uma metafísica da mistura. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

DIAS, Susana. Mesas de trabalho a céu aberto. **ClimaCom – Políticas vegetais** [online], Campinas, ano 9, dez, 2022. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/mesas-de-trabalho/>.



Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº3, 2024.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

DIAS, Susana. Perceber-fazer floresta: da aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo. **Revista ClimaCom Cultura Científica**, ano 7, nº 17, 2020.

HARAWAY, Donna J. **Ficar com o Problema**: fazer parentes no Chthuluceno. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

HARAWAY, Donna J. **O manifesto das espécies companheiras**: Cachorros, pessoas e alteridade significativa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

LINHARES, Marcos Allan da Silva; LOURENÇO, Keyme Gomes. Cartografias e escritas-vegetais em educação. **Revista Aleglar**, n.30, 2022.